SEAREIRO

nº 163 | Maio | Junho | 2019

ISSN 1983-3539
Ano 27 | Nº 163
Mai/Jun 2019 | R$ 11,00

Todos aqueles que têm fé e se inspiram em Jesus podem curar

A crescente evolução exige de todos nós uma constante motivação

Transcomunicação instrumental

Aproximação entre ciência e espiritualidade

Transcomunicaç

Por: **Silvia Regina Angerami**
Jornalista aposentada, trabalhou na Seara Bendita durante quase dez anos na assistência espiritual P3E.

Diagramação: **Joaquim Roddil**

Você já ouviu falar de transcomunicação instrumental (TCI)? É a comunicação entre vivos e desencarnados por intermédio de aparelhos eletrônicos, como rádio, televisão, telefone, computador, etc.

ão instrumental

O assunto já completou um século. Em 1909, o português naturalizado brasileiro Augusto de Oliveira Cambraia patenteou um invenção, um tipo de telégrafo, para a comunicação à distância utilizando-se de espíritos que vagam pela estratosfera. Em 1920, nos Estados Unidos, Thomas Edison disse a um repórter que desenvolvia uma máquina capaz de proporcionar aos vivos fazer contato com o espíritos de mortos. Virou notícia em várias partes do mundo, mas Edison desmentiu.

Em 1925, no Rio de Janeiro, o pesquisador espírita Oscar D'Argonnel publicou a primeira obra tratando do assunto comunicação com os mortos por meio de uma máquina, sob o título "Vozes do Além pelo Telephone".

Depois de décadas no esquecimento, em 1959 o sueco Friedrich Jürgenson, que costumava gravar o canto dos pássaros, deparou-se com vozes humanas em uma das gravações. Quando fez a gravação estava sozinho na floresta e depois percebeu as vozes humanas em vários idiomas, o que afastava a possibilidade de interferência de alguma emissora de rádio. Ao continuar o trabalho, percebeu que essas vozes o chamavam pelo nome e respondiam suas perguntas. À primeira indagação de quem seriam, responderam prontamente: "Somos os mortos...".

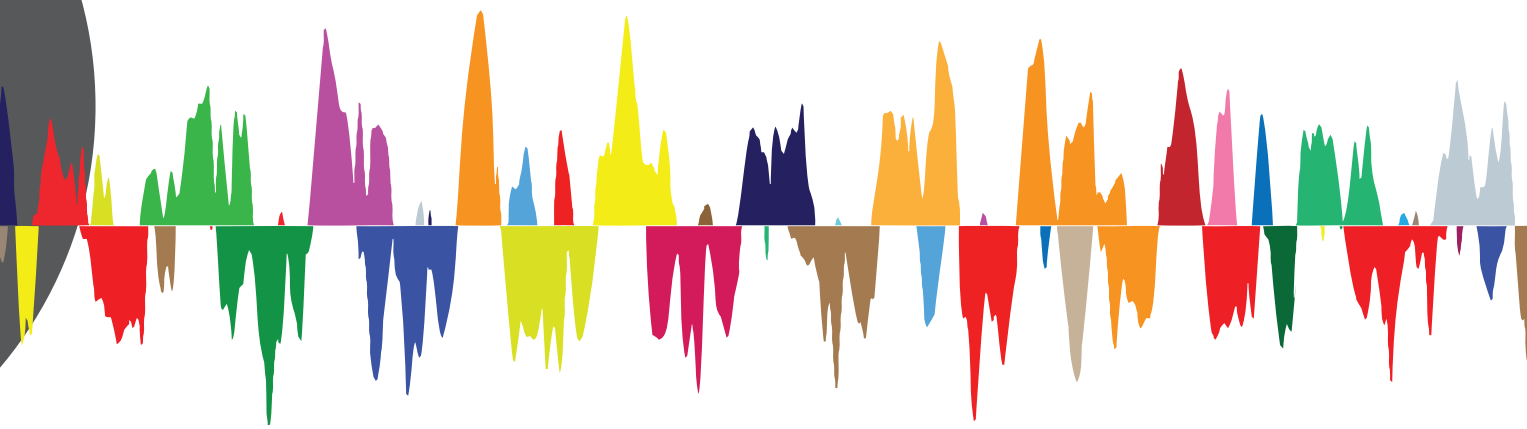
Dos estudos e pesquisas que se seguiram desde então, Jüergenson lançou em 1967 a obra *"Sprechfunk Mit Verstorbenem"*, publicada em língua portuguesa em 1972 sob o título "Telefone para o Além"), tornando o assunto conhecido do grande público.

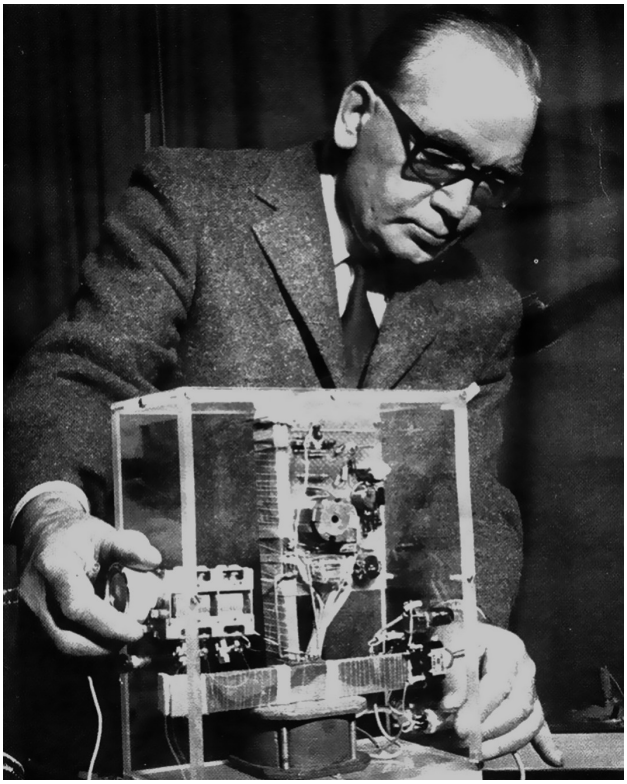
A maior referência sobre a pesquisa em TCI é o trabalho de Konstantin Raudive, discípulo de Carl Jung, nascido na Letônia,

Friedrich Jürgenson

que em 1968 publicou *Unhörbares Wird Hörbar*, três anos depois republicada em língua inglesa com o título *Breakthrough*. Nela, Raudive relaciona diversos nomes de estações emissoras do além, como Stúdio Kelpe, Rádio Peter, Kegele, Kostule, Ponte Goethe, Vários Transmissores, Rádio Sigtuma, Arvides, Irvines, entre outras.

Em 1978, nos Estados Unidos, o pesquisador George Meek inventou uma aparelho, o Spiricom, pelo qual estabeleceu diálogo com um Espírito identificado como "Dr. Muler". Vários





Konstantin Raudive

outros contatos foram registrados na década de 1980 por outros pesquisadores, inclusive europeus.

No Brasil, a escritoria Hilda Hilst interessou-se pelo tema depois de ler o livro de Jürgenson e fez vários experimentos com Transcomunicação Instrumental na década de 1970. Em maio de 1992, a cidade de São Paulo sediou o Congresso Internacional de Transcomunicação, com a participação dos pesquisadores Hernani Guimarães Andrade e Sonia Rinaldi.

Nos primórdios das pesquisas, nas décadas de 1960 e 1970, usava-se a estática da tela da TV (no chuvisco) para obter as comunicações. Um dos pioneiros foi Raudive, hoje um dos orientadores (no plano espiritual) do trabalho de Sonia Rinaldi.

Ele instalava uma câmara na frente da TV e achava um ponto em que a imagem ficava se repetindo (*feedback*). E nessa nuvem de repetição, ele achava as imagens.

De lá para cá, muita coisa mudou. Hoje as gravações podem ser feitas até mesmo pelo celular, informa Sonia, considerada uma das maiores estudiosas de transcomunicação instrumental no Brasil, autora de diversos livros sobre o tema. "Antes, a estação de transmissão do lado dos Espíritos ainda não estava tão aparelhada como está hoje, houve uma grande evolução, principalmente do lado deles", explica.

Entre uma viagem aos Estados Unidos e outra, Sonia recebeu a equipe do Seareiro em sua casa para uma entrevista, em que ela comentou porque seu trabalho é mais bem recebido nos Estados Unidos e menos no Brasil, e falou sobre os seus estudos atuais.

SEAREIRO – Como começou seu interesse pela transcomunicação?

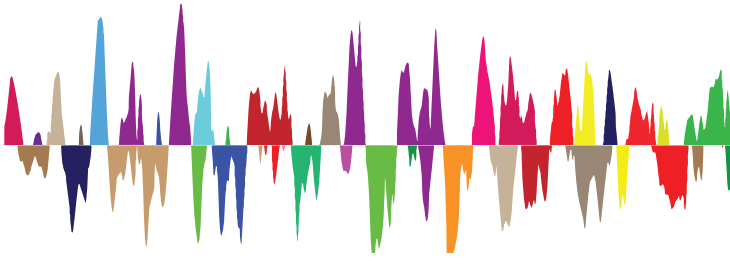
SONIA RINALDI – Quando eu tinha pouco mais de 20 anos, trabalhei cerca de 4 anos como médium e nessa ocasião conheci o Dr. Hernani Guimarães Andrade, que despertou em mim o interesse por um conhecimento mais sólido. Parei de frequentar o centro espírita e resolvi me dedicar ao estudo e à pesquisa em transcomunicação. Desde então, são quase 27 anos de dedicação à transcomunicação instrumental.

Enquanto conversávamos, Sônia pediu uma pausa para fotografar uma imagem que ela via no fundo da sala, refletida em um tecido escuro, e depois nos mandou a foto – ela disse que normalmente eles trabalham com o ângulo de visão dela.
Silvia Angerami

SEAREIRO – Qualquer pessoa pode obter esse tipo de comunicação?

SONIA – A resposta é sim e não. Você quer uma forma mais simples do que como o Chico Xavier trabalhava? Bastava um lápis e uma folha. No entanto... nem todos conseguem as comunicações que ele conseguia. Então, há uma série de itens que entram como confiança, dedicação, é lógico que não é exclusivo, assim como a mediunidade não era exclusiva do Chico. O item mais importante é a dedicação. Hoje em dia as pessoas têm o trabalho fora, o serviço doméstico, ir ao supermercado e vai ser uma das tarefas dessa pessoa. É complicado para eles fazerem o investimento necessário de tecnologia, aparelhagem etc., sabendo que em seis meses, aquela pessoa estará preocupada com outras coisas. Não precisamos ir longe: a Seara Bendita é um centro enorme, com certeza já rodaram lá mil tipos de voluntários que entram por uma porta e depois de algum tempo saem por outra. É como se os candidatos a transcomunicadores fossem também voluntários, eles se oferecem, mas depois desistem na primeira dificuldade. Mas eles, lá na espiritualidade, sabem disso e sabem em quem apostar.

SEAREIRO – Ainda assim, no site do Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental – Ipati (*www.ipati.org*) são requisitados voluntários para quais funções? Existe algum pré-requisito?



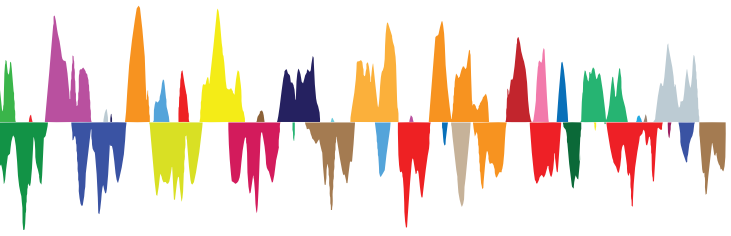
SONIA – Sim, precisamos sempre de voluntários para tradução, revisão, divulgação, desenho, análise de voz, ou seja, tarefas normais, não para gravação. Para isso, damos as instruções para quem quiser fazer por conta própria. Para gravação, qualquer programa que grave pode ser utilizado, até pelo celular. O que vai definir se a pessoa vai fazer carreira e obter resultados é a dedicação, e a questão ética, o que se pretende fazer com isso. Sem esses objetivos bem claros de início, não se vai a lugar algum.

SEAREIRO – Você nunca teve medo?

SONIA – De gravação normal nunca, pois esta é a minha rotina do dia a dia. Mas, por ignorância minha, nas primeiras vezes em que apareceram gravações de extraterrestres, eu me assustei, mas depois de 15 dias passou o medo e hoje eles aparecem sempre. Na verdade, a parte de imagem da transcomunicação está intimamente ligada aos extraterrestres, por um motivo interessante: hoje em dia eu tenho certeza de que a nossa estada aqui na Terra tem a finalidade do desenvolvimento da nossa consciência. Não tenho dúvidas com relação a isso, até num sentido de informática. Por exemplo, você é criado com um HD micro e vai desenvolvendo no decorrer das suas encarnações, de forma que chega um momento em que o seu conteúdo de informação acumulada é tal, que esse cérebro tipicamente humano já não dá conta. Daí, eles precisam de um cérebro especial e assim vai surgindo a nossa chefia, que sempre tem umas cabeças bem grandes para comportar um volume informacional imenso. Hoje, eles têm um domínio incrível sobre o tempo. São informações que eles acumularam no decorrer de centenas de vidas e hoje eles estão voltando para nos ajudar aqui no "jardim da infância". Mas um dia seremos também como eles.

SEAREIRO – Como o trabalho de transcomunicação se relaciona com as outras religiões?

SONIA – Muita água vai correr embaixo da ponte, antes que a vida após a morte seja comprovada cientificamente. Comparo muito essa fase que estamos vivendo com a fase de Charles Darwin. Ele levou vinte anos ensaiando como falaria sobre a teoria da evolução das espécies. A esposa dele era muito católica e dizia que ele iria para o inferno com suas teorias.



Sonia Rinaldi

Depois que ele se encorajou, foi ainda pior, porque ele foi ridicularizado quando informou que a raça humana descendia dos primatas. Foi perseguido durante muitos anos, banido da igreja. Até hoje, embora sua teoria seja tão óbvia para grande parte da Humanidade, ainda não é para alguns guetos, que questionam se é verdade ou não. Acho que a mesma coisa acontecerá com a comprovação da sobrevivência após a morte, pois isso não interessa a uma boa parcela que se opõe, incluindo o cristianismo, porque na Bíblia está textualmente dito que a comunicação com os mortos é proibida. E vem a pergunta: se é proibido, então é porque existe? Mas isso não é falado. Isso vem da época histórica em que foi proibida porque as profetisas romanas eram médiuns muito boas que faziam leituras de várias formas e atendiam a população. Mas a Igreja percebeu que estava "perdendo mercado" e então proibiram essa comunicação. Isso persistiu, atravessou a Idade Média e solidificou, permanecendo até os dias de hoje. Não se voltou atrás. Então, ainda vai levar muito tempo até que a continuação da vida após a morte seja aceita por todos. Mas uma coisa que é verdade pode levar muito tempo, porque hoje temos o islamismo, cristianismo, judaísmo e muitas outras religiões que são contra. Mas não importa, pois estamos fazendo a nossa parte para provar essa realidade cientificamente, com números. Inclusive Kardec afirma: *"Quando os sábios proclamarem a existência do Espírito, o materialismo terá sido vencido"* (pode não ser literal, mas é esse o sentido). Ele falou os "sábios", mas podemos trocar por "cientistas, estudiosos" etc.

SEAREIRO – Você é muito conhecida nos Estados Unidos, onde inclusive chegou a receber vários prêmios pelo seu trabalho na área de transcomunicação instrumental. Mas no Brasil, seu trabalho ainda não obteve tanta repercussão. Quais são as maiores dificuldades que você encontra na divulgação do seu trabalho aqui no Brasil?

SONIA – O Brasil oferece várias dificuldades, que começam pelo fato de o espiritismo ser a religião de apenas uma parte pequena da população. De acordo com estatística de 10 anos atrás do IBGE, só 3% da população se declarava espírita. Essas seriam as pessoas com mais abertura, embora outras filosofias também admitam a sobrevivência da alma, mas não com a transparência do Espiritismo. Dada essa dificuldade de números, de pessoas, já começa a nossa batalha. A outra dificuldade é que tenho a preocupação desse lado científico, da comprovação, da investigação, que não interessa a grande parte, mesmo desses 3% que se declaram espíritas. Então, restam pouquíssimos interessados. Mas estamos falando de uma verdade que deveria ser admitida mundialmente. Por isso que temos vários tropeços nessa caminhada, mas nada disso me preocupa, porque eu tenho um trabalho a fazer. Nunca tive a pretensão de crer que iria fazer uma grande coisa, porque sei que ainda há um bocado de anos pela frente. Mas, por outro lado, se ninguém fizer isso nunca se chegará lá.

Outra coisa, não podemos implodir a humanidade, a espiritualidade também não quer isso. Você não pode chegar de uma hora para outra e fazer com que o Papa estabeleça que a partir de amanhã a sobrevivência da alma e a reencarnação sejam verdades. Você "mata" todo mundo... A pessoa passou 50 anos da vida dela acreditando num negócio, gastando o joelho rezando e de repente descobre que foi para nada! Suei aqui debaixo dessa burca para nada!? Não sabemos se tudo isso virá numa época em que alguma coisa significativa acontecerá com a humanidade, e as pessoas, de uma forma geral, estarão mais preparadas. Ou, ainda, sei lá, eles (os Espíritos) têm os seus planos e eu deixo tudo a cargo deles. O que eles decidirem está decidido.

SEAREIRO – Por que o assunto transcomunicação tem mais repercussão nos Estados Unidos? Lá eles estão mais preparados e abertos?

SONIA – Não a população, mas as universidades, a investigação, sim. Eles têm muita pesquisa em um campo que chamam de consciência, e que eu prefiro chamar assim também, porque é mais adequado. Para mim, a palavra Espírito ainda está muito relacionada às descobertas de Kardec, mas se formos atualizar, vira consciência. Eles têm muitos estudos em medicina, psiquiatria. O médico Stuart Hameroff, da Universidade do Arizona, promove um evento anual com o tema consciência, há muitos anos. Nós sabemos que é Espiritismo, só muda o nome, até para não conflitar com religião.

Participei do evento *Afterlife Institute Symposium*, em setembro de 2018, nos Estados Unidos, quando Konstantin Raudive (1909-1974) se materializou e conversou comigo, me dando instruções e mensagens muito importantes (*o vídeo está disponível na página do Ipati no Facebook*). Há outro congresso em abril, *We Don't Die* (Nós não morremos), em Orlando, na Florida.

SEAREIRO – Qual é o principal propósito do seu trabalho?

SONIA – Preciso escolher sempre com qual projeto trabalhar e um desses projetos é a comunicação com vivos, porque a investigação da consciência (ou o Espírito, como prefere Kardec, que também citou a comunicação com vivos na Revista Espírita, mas ninguém deu bola) tem muita importância para a Medicina, porque você pode dar voz para quem não pode falar e pode ser uma pessoa em estado terminal, ou com Alzheimer. Fizemos gravações com a Malu, autista não-verbal, na época com 11 anos de idade, em que ela não apenas falou, como cantou. A gravação com ela resultou em 170 páginas de revista e 117 arquivos de áudio. A prima da mãe dela é minha amiga e fez a indicação. Ela é brasileira, mora em Jundiaí, interior de São Paulo. A mãe da Malu, a Rosa, foi extremamente solícita, acompanhou tudo, documentou, gravou, filmou e testemunhou. A Malu falou coisas da casa que a mãe jamais imaginou que ela tivesse noção, sempre achou que a menina fosse uma espécie de vegetal passeando. E ela sabia, tinha opinião, reclamou...

Também fiz gravações com um menino com atrofia espinhal (aos 3 anos de idade, ele não fala, não engole, não fica sentado), mas o que ele falou impressiona. Esse tipo de transcomunicação instrumental entre vivos tem o poder de revolucionar a medicina.

Podemos fazer esse tipo de experiência com pessoas em estado terminal, anestesiadas, ou pessoa saudável. Para isso existe a estação de transcomunicação. Os vivos são levados à estação enquanto estão dormindo. Quando agendamos a execução do trabalho, eles ficam a postos, eles ouvem tudo o que falamos. Fiz quatro gravações diferentes com a Malu, a mãe acompanhando e no dia seguinte eu mandava o que tinha sido gravado. Na quarta gravação, conseguimos autorização do convênio dela, do plano de saúde, para fazer uma polissonografia com a menina dormindo, lá em Jundiaí. Ninguém teve que se movimentar até aqui, para isso que existe a espiritualidade. É tudo feito através da estação e eu gravo aqui. A Malu foi conduzida até lá, houve toda uma preparação prévia, e eu aqui.

No nosso site, tem uma lojinha com muito conteúdo (cerca de 90% de tudo o que produzimos) à disposição de quem tiver interesse em se aprofundar no tema transcomunicação instrumental.

SEAREIRO – Como é a recepção aos seus trabalhos nos Estados Unidos?

SONIA – Lá eles ainda não estão muito afeitos à reencarnação. Eles vão muito atrás da vida após a morte porque perderam os filhos, mas daí até a reencarnação ainda tem um passo. Perguntei ao menino de 3 anos: *"Você sabe a causa, porque você veio assim, quietinho (ele não fala)?"* E ele me respondeu: *"Eu superei, eu fui errado e já passou"*. As mães das crianças que têm essas doenças são umas heroínas incríveis. Porque isso não tem cura e as crianças podem morrer cedo. Você cria, a sua luta é diária. A mãe desse menino chegou a me falar que dorme somente quando ele dorme. Se ele dorme durante o dia, ela dorme durante o dia também. Ele não come, não engole, não respira. No mais das vezes, ele precisa de oxigênio e é um tal de correr para o hospital. Ele não senta. Porém a consciência dele está intacta.

Nessa área de trabalho da comunicação com vivos, uma das possibilidades é o consolo. Essa parte é muito importante.

SEAREIRO – Além da comunicação com vivos e com falecidos, quais são outras linhas de estudo que você aborda?

SONIA – Temos a comunicação com falecidos, com vivos doentes e com vivos sãos e até com animais. Ainda temos o trabalho de prevenção de suicídio com as crianças, pois é muito grande o número de norte-americanos jovens suicidas, ricos, bonitos, com tudo. Por isso, precisamos trabalhar com as crianças, com os adultos, podemos dizer: *"Olha, você vive após a morte!"*, mas pode ser tarde. Na medida em que houver uma consciência mais ampla dos jovens que a nossa vida é eterna, é sagrada, e é uma oportunidade que deveria ser agradecida diariamente: *"Agradeço ao Universo por estar aqui, por essa oportunidade de crescimento"*.

Sonia tem uma coleção de fotos de jovens americanos bonitos, filhos de fazendeiros, que se mataram – "Gente, onde é que estamos?" – ela pergunta. Por isso, está criando, mesmo sem patrocínio, uma série de histórias em quadrinhos e games com conteúdo que foca nesse tipo de problema, de forma bem objetiva, mas delicada.

SEAREIRO – Tem pessoas em formação para dar prosseguimento ao seu trabalho?

SONIA – Infelizmente não. Tenho colaboradores, como o desenhista que fez a história em quadrinhos, idealizada por mim. Nessa história, também aparecem Landell de Moura, padre católico, cientista e inventor brasileiro, que também está na estação transmissora, junto com o Raudive e o Tesla (*Nikola Tesla, inventor, físico e engenheiro elétrico sérvio-americano*). Eles vão explicar para as crianças desdobradas as sessões mediúnicas e de materialização, entre outras ações que ocorrem nessa estação transmissora. É uma versão mais moderna da obra espírita.

SEAREIRO – Qual é a sua mensagem final aos leitores do Seareiro?

SONIA – Minha mensagem é tentar dar um passo à frente, não só repetir o que já está dito, mas tem muita coisa nova que pode ser feita, novas áreas que não foram exploradas, como essa área da comunicação com vivos, com animais etc. Torço para que daqui a 100 anos seja uma coisa até corriqueira. Que tudo isso já esteja bem comprovado e definido. Mas se ficarmos empacados, só fazendo o que já foi dito, não vamos muito à frente. É importante entrar em novas áreas, participar, investigar, duvidar, questionar. A partir daí, avançamos.

Outra área de investigação que eu já comecei é a do infravermelho, região onde nós não enxergamos, mas a espiritualidade trabalha normalmente. Eles podem transmitir nas faixas do infravermelho e do ultravioleta. Essas coisas não vão nos cair de presente se não formos atrás. Como dizia Albert Einstein, o sucesso da ciência é 3% inspiração e 97% transpiração.

Meu marido (Fernando Machado) hoje é quem faz esse trabalho de leva-e-traz.

Buscam-se voluntários

Você se interessa por ciência?
Você gostaria de colaborar?
Qualquer área (engenharia, física, matemática, medicina, desenho, animação etc...) venha participar do
Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental (Ipati).
A participação é remota.
O desejo de Sonia é que a transcomunicação instrumental um dia chegue a ser uma série no Netflix e, assim, alcance o mundo todo, dentro da proposta de ensinar o pós-vida para crianças.
Existem duas estações transmissoras, sul e norte, e elas foram recentemente unificadas.
Por isso, precisamos de mais gente, para fazer isso crescer.
É um trabalho diferente, mais investigativo.
Mais informações: *www.ipati.org.br*.